

A IDEIA DE DEUS E O MISTÉRIO DO MAL NA FILOSOFIA DA RELIGIÃO DE ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA

Samuel Dimas

Universidade Católica Portuguesa
Palma de Cima, 1649-023 Lisboa
(351) 217 214 000| info@reitoria.ucp.pt

Resumo: Neste nosso texto, dissertaremos sobre alguns tópicos da Filosofia da Religião na obra António Braz Teixeira.

Palavras-chave: Filosofia, Filosofia da Religião, António Braz Teixeira

Abstract: In this text, we will discuss some topics of the Philosophy of Religion in the work António Braz Teixeira.

Keywords: Philosophy, Philosophy of Religion, António Braz Teixeira

O caráter interrogativo e aporético da Filosofia na relação de inadequação do pensar com o ser

Para compreendermos o projeto filosófico de um autor, temos de começar por identificar o conceito de razão em que se funda a sua atividade pensante. Assim, para compreendermos a Filosofia da Religião e a Teologia Filosófica de António Braz Teixeira temos de começar por captar a racionalidade em que se desenvolve a sua atitude especulativa.

Ora, a Filosofia é concebida por António Braz Teixeira, na linha do seu mestre José Marinho, como problemática, isto é, sem pretensão de possuir a verdade de forma definitiva e absoluta, porque no seu entender não é um corpo de doutrinas nem um acervo de conhecimentos ou conjunto de soluções, mas sim uma atividade interrogativa que reconhece o caráter provisório das respostas¹. Assim, recusando atribuir à filosofia o caráter solucionante da ciência positiva, o autor de *Sentido e Valor do Direito* também partilha com Leonardo Coimbra e Miranda Barbosa a ideia de que há progresso na atividade reflexiva ou especulativa, assumindo a noção judaico-cristã de sentido linear do tempo histórico e da respetiva continuidade dialógica no desenvolvimento da cultura de que a filosofia é produto:

(...) há progresso em Filosofia, quer na descoberta de novos problemas filosóficos ou na melhor formulação ou dilucidação ou maior aprofundamento de problemas já conhecidos ou identificados, quer na invenção de novos métodos ou na descoberta de novos campos de reflexão, quer no alargamento dos horizontes da actividade especulativa (*Ibidem*, pp. 17-18).

Através da especulação, o ser humano adquire uma representação ou imagem mental do mundo e de si mesmo, refletindo sobre o próprio ato de pensar num processo contínuo de questionamento espiritual. A partir do espanto e da admiração perante a realidade, o homem é levado a interrogar-se sobre si próprio e, nesse âmbito, sobre a sua origem e o seu destino, incluindo o questionamento sobre a vida e a morte, o mal e o amor, a justiça e a liberdade até à interrogação radical sobre a verdade do Mistério do Ser, que é identificado com Deus que simultaneamente se patenteia e oculta (Cf. *ibidem*, p. 20).

A partir desta definição de *Filosofia* que encerra uma relação cúmplice entre a ontologia e a hermenêutica na linha contemporânea de autores como Heidegger e

¹ Cf. António Braz Teixeira, *Sentido e Valor do Direito - Introdução à Filosofia Jurídica*, Lisboa, INCM, 2003, p. 16.

Gabriel Marcel, podemos prosseguir para o entendimento da sua *Teologia Filosófica*, que em diálogo com Cassirer, Maria Zambrano, Eudoro de Sousa, Vicente Ferreira da Silva, António Quadros e Afonso Botelho, atende à relação matricial com o mito e o mistério mediante o recurso à linguagem poética. Ao contrário das ciências que procuram conhecer as leis ou relações em que os aspetos particulares e fenoménicos da realidade se manifestam, para António Braz Teixeira a Filosofia procura o ser enquanto ser, não se esgotando na ontologia, mas abrindo-se a uma metafísica que exige reflexões antropológicas, gnosiológicas e teológicas (Cf. *ibidem*, p. 22).

Partilhando com Delfim Santos, na linha de Nicolai Hartmann, o carácter aporético da Filosofia², no reconhecimento de que não há uma identificação plena entre o pensamento e a realidade, António Braz Teixeira refere-se ao mistério do Ser, não como *irracional por defeito*, no sentido de absurdo e contraposto à razão ou no sentido de enigma que o deixará de ser quando for decifrado pela racionalidade lógico-analítica, mas como *irracional por excesso*, no sentido leonardino de transcender a capacidade de conhecimento lógico-conceptual exigindo a compreensão analógica e transpredicativa ou trans-conceptual do lirismo metafísico e da revelação³.

A relação da razão com o irracional de si mesma na experiência do Mistério do ser

Deste modo, a racionalidade não se garante a si mesma como órgão do conhecimento, mas pressupõe um ato prévio de *crença*, por um lado, numa correspondência, ainda que limitada e parcial, entre a razão humana e a racionalidade do real e, por outro lado, na atividade cognoscente que pressupõe a relação da razão com o irracional de si mesma no sentido já enunciado de *irracional por excesso* em suas formas de sensação, intuição, imaginação, sentimento, memória, crença, mistério⁴. Assim, a teoria do conhecimento de Braz Teixeira recusa as tradicionais posições racionalistas ou intuicionistas de oposição entre razão e intuição, como se um plano fosse redutível ao outro ou como se houvesse razão pura e irracional puro, partilhando com o seu mestre José A Marinho a noção de correlação entre estas duas dimensões no sentido em que o irracional não é apenas a fonte obscura da qual a razão procede, mas está presente na

² Cf. Delfim Santos, *Da Filosofia*, Porto, 1939, p. 52.

³ Cf. António Braz Teixeira, *Sentido e Valor do Direito - Introdução à Filosofia Jurídica*, p. 27.

⁴ Cf. *idem*, *A Experiência Reflexiva - Estudos sobre o Pensamento Luso-Brasileiro*, Lisboa, Zéfiro, 2009, p. 86.

razão mesma⁵. É com esta razão senciente, comovida, cordial e misteriosa que desenvolve a sua especulação, no labor de configuração de uma realidade plural que encerra múltiplas regiões de ser e existir.

A racionalidade não está integralmente realizada, mas é um processo no seio de uma realidade que incessantemente se dissolve e refaz, na contínua procura noética da verdade e ética do bem. Para José Marinho, a filosofia mais não é do que trazer para o labor minucioso e demorado da reflexão, na sabedoria difusa da existência sensual e comum dos homens, a verdade atemática e antepredicativa que está firme na origem imutável da intuição intelectual banhada pela luz divina. Se por um lado, pelo caráter divino da nossa natureza, a racionalidade da *compreensão* só se torna subsistente ao reportar-se à *apreensão* da verdade absoluta como sua verdadeira fonte, por outro lado, a apreensão ou *intuição fulgurante da verdade* só se torna efetiva depois do consentimento da compreensão laboriosa (Cf. *ibidem*, p. 46).

É na distância do labor racional de irrecusável interrogação e procura de sentido exposto no discurso conceptual, que exige a ascensão para o labor metafísico e analógico do discurso trans-conceptual, que se dá o reconhecimento da experiência antepredicativa da intuição intelectual do Mistério expressa de forma original e edénica no tremor da emoção estética ou da fé religiosa. A luz divina deste irrecusável encontro inconsciente permanece obscura enquanto não se juntar a essa apreensão irracional a clarificação racional da compreensão, a qual nos permite concluir que desde logo tudo acontece na unidade plural da atividade pensante que é ao mesmo tempo sensitivo-emocional, intuitivo-intelectiva, lógico-racional e deliberativo-racional.

O pensamento de Braz Teixeira situa-se, pois, na órbita do autor da *Teoria do Ser e da Verdade*, que define a correlação entre a intuição e a razão nas representações luminosas e obscuras do mundo e cujo processo só termina no acesso à verdade suprema quando se der a realização plena do ser humano no seio do Bem supremo, e na órbita do autor do *Criacionismo*, que define esta diversificada atividade cognoscente de *razão experimental*, num processo dialético que ascende da experiência biopsicológica à experiência metafísica e religiosa. Nestes termos, considera que a Filosofia é uma teoria no sentido de uma intuição intelectual ou visão espiritual do invisível, não na perspectiva de Espinosa ou Bergson de possibilidade de

⁵ Cf. José Marinho, «Razão e Irracional», in *Presença - Folha de Arte e Crítica*, Lisboa, ano XII, n.º 1, série II (Novembro de 1939), p. 45.

instantâneo, imediato e perfeito conhecimento da essência do Absoluto por vibração simpática, mas no sentido leonardino de relação inadequada entre o pensar e o Ser que se constitui num conhecimento de forma tangencial ou assintótica, porque a contemplação do Mistério do Ser pela visão ginástica da experiência antepredicativa da emoção estética e da fé ou da experiência transpredicativa da expressão analógica da arte e da metafísica é ainda um olhar da razão intuitiva que vê na *luz intelectual*⁶.

Socorrendo-se do conceito de *visão unívoca* de José Marinho, anteriormente invocado, também considera que a compreensão da verdade da realidade no plano da racionalidade dianoética do discurso conceptual pressupõe uma prévia apreensão intuitiva trans-sensível e pré-categorial ou atemática do Ser, a que Leonardo Coimbra chama de movimento da inteligência em *ato primeiro* que também denomina de *visão ginástica*⁷. Por isso, invoca Álvaro Ribeiro para dizer que a essência da atividade filosófica do pensamento, em que o ser se revela como Mistério, está mais próxima da Poesia e da Religião do que da Ciência⁸.

Una e universal na busca da verdade do Ser, a filosofia é diversa e plural nos caminhos que percorre, isto é, nas suas formas e expressões, constituindo-se como condicionada pela cultura e pela língua em que se expressa e, por isso, a filosofia também é individual e nacional pelo caráter radicado do pensar e do agir humanos:⁹ «(...) a vida do espírito e a actividade especulativa se processam numa determinada e concreta situação cultural e envolvem sempre um diálogo, expresso ou tácito, com outros pensadores e com as ideias vigentes na sua circunstância espiritual»¹⁰. Nesse sentido, defende que as divergências de interpretação de determinado autor não decorrem necessariamente de eventuais insuficiências ou limitações, mas sim da diferença de perspectivas do diálogo com a sua obra, no reconhecimento de que o trabalho filosófico não tem como objetivo estabelecer uma ortodoxia interpretativa ou uma visão monolítica definitiva, mas sim um diálogo especulativo em permanente abertura e sujeito a revisão, tal como o exige qualquer atividade hermenêutica¹¹.

⁶ Cf. Leonardo Coimbra, *O Criacionismo: Esboço dum Sistema Filosófico*, Porto, Renascença Portuguesa, 1912, in *Obras Completas*, vol I, tomo II, Lisboa, INCM, 2004, p. 281 [228].

⁷ Cf. Leonardo Coimbra, *O Homem às Mãos com o Destino*, Braga, Faculdade de Filosofia, 1950 (separata da Revista Portuguesa de Filosofia, Braga, VI, 1 [1950]), in *Obras Completas de Leonardo Coimbra*, IX, Porto, Livraria Tavares Martins, 1964, p. 207.

⁸ Cf. Álvaro Ribeiro, *A Arte de Filosofar*, Lisboa, 1955.

⁹ Cf. António Braz Teixeira, *Sentido e Valor do Direito - Introdução à Filosofia Jurídica*, p. 32.

¹⁰ *Idem*, *Diálogos e Perfis*, Lisboa, Europress, 2006, p. 193.

¹¹ Cf. *idem*, *O pensamento filosófico de Gonçalves de Magalhães*, Lisboa, Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, 1994, p. 15.

E por outro lado, a Filosofia não detém um género literário próprio e único para exprimir o seu discurso, como adverte Braz Teixeira citando Julian Marias no reconhecimento de que ao longo da História se expressou de forma *poética* como em Parménides, Nietzsche, Fernando Pessoa ou Teixeira de Pascoaes, de forma *dialógica* como em Platão, Leão Hebreu e Leibniz, de forma *aforística* como em Heraclito, Pascal ou José Marinho, em forma de *reflexão ou máxima moral* como em Marco Aurélio ou Matias Aires, em forma *autobiográfica* como em Santo Agostinho e Descartes, em forma de *ensaio* como em Bacon, Locke ou António Sérgio, em forma de *tratado* como em Aristóteles, Espinosa e David Hume, em forma de *comentário* como em Averróis e Pedro da Fonseca, em forma de *suma* como em Tomás de Aquino e Pedro Hispano ou em forma de *sistema* como Hegel, Cunha Seixas e Leonardo Coimbra¹².

Assim, no entendimento de que a natureza filosófica de determinada obra não se avalia pelo género literário, mas sim pela carácter especulativo que encerra na procura de sentido para os problemas do viver e do agir, considera que o relevo que a imagem e a expressão poética assumem na filosofia portuguesa está em consonância com uma «razão aberta às dimensões gnósticas e sóficas do sentimento, da intuição, da imaginação e da crença» (*Ibidem*, p. 34). António Braz Teixeira enquadra-se no âmbito de uma tradição filosófica de autores como José Maria Cunha Seixas, Antero de Quental, Sampaio Bruno, Amorim Viana, Teixeira de Pascoaes, Leonardo Coimbra, José Marinho, Álvaro Ribeiro e Afonso Botelho que abordam um conjunto de problemas teodiceicos de que podemos referir os seguintes: a relação entre razão e fé; o valor do conhecimento científico; a ideia de Deus; o problema do mal; a relação entre a providência divina e a liberdade humana; o conhecimento analógico; a relação entre transcendência e imanência; queda e saudade da origem; criação e emanação; redenção e consumação; panteísmo, pantiteísmo e teísmo; mito e mistério.

Neste âmbito ganha particular relevância a metafísica da saudade como reflexão noético-emocional sobre a lembrança da perdida condição originária de perfeição e harmonia e sobre o desejo de regresso a esse bem ausente, no horizonte mais vasto da relação entre a eternidade relacional e criadora do amor divino e a temporalidade histórica do Mundo que encerra as múltiplas formas de sofrimento e morte:

É precisamente, no enigma ou no mistério da origem, que, para o sentir e pensar dos portugueses, Deus, mal e saudade encontram a sua essencial relação, pois é do que

¹² Cf. *idem*, *Sentido e Valor do Direito - Introdução à Filosofia Jurídica*, p. 33.

real ou simbolicamente se designa por queda ou, em religiosa linguagem, se denomina pecado original, que o mal e o sentimento saudoso procedem.¹³

Uma teodiceia ou teologia filosófica que se ocupa da religião natural e da religião revelada para conceber a ideia de Deus

De acordo com estes pressupostos que, como refere José Marinho, fazem da escatologia um tema nuclear do pensamento português¹⁴, a Filosofia da Religião de António Braz Teixeira, que inclui a reflexão sobre os atributos divinos e sobre a sua relação criadora e redentora com o mundo e com o homem, não se restringe ao plano da racionalidade ou da religião natural, como defende Gonçalves de Magalhães, mas partilha com Silvestre Pinheiro Ferreira o recurso aos dados da revelação judaico-cristã¹⁵, nomeadamente aqueles que são fornecidos pelas suas narrativas míticas. Assim o confirma quando no prefácio da sua obra *Deus, o Mal e a Saudade* defende que para se compreender a filosofia luso-brasileira contemporânea é necessário aplicar uma racionalidade que exceda o racionalismo fechado e formalista da ciência e da experiência empírica e se abra ao significado gnósico da sensação, intuição, sentimento, imaginação e crença, que resulta, não apenas da experiência estética, ética e filosófica, mas também de uma «(...) experiência religiosa, que, partindo do numinoso dos mitos, ascende à sublimidade do sagrado e do divino ou se eleva à união mística»¹⁶.

O seu discurso racional sobre Deus, para além de não prescindir da experiência atemática do sagrado nas formas criadas da verdade, beleza e bondade e nos conteúdos fixados pela forma religiosa da tradição cultural em que se insere, também não prescinde da fé no dado revelado. Assim, António Braz Teixeira enquadra-se na perspetiva contemporânea da hermenêutica transcendental de que não existe neutralidade religiosa na reflexão filosófica sobre a ideia e sobre a existência de Deus, porque esta está radicada na cultura e não pode prescindir da crença ou não-crença daquele que com ela se confronta nessa reflexão. Na recusa da possibilidade de uma razão pura, a reflexão acerca do princípio absoluto divino não pode ser feita sem a integralidade da nossa experiência consciente, que se dá na pluralidade dos seus

¹³ *Idem, Deus, o Mal e a Saudade*, Lisboa, Fundação Lusíada, 1993, p. 12

¹⁴ Cf. José Marinho, *Verdade, Condição e Destino no Pensamento Português Contemporâneo*, Porto, Lello & Irmão - Editores, 1976, p. 233.

¹⁵ Cf. *idem, O pensamento filosófico de Gonçalves de Magalhães*, p. 77.

¹⁶ *Idem, Deus, o Mal e a Saudade*, p. 11.

níveis biopsicológico, científico, ético, estético, metafísico e religioso. É esta radicação na dinâmica vital ontológica de íntima relação entre o *bios* e o *logos*, *existência* e *reflexão* que permite à interrogação filosófica, que se distancia da imediatez experiencial, não situar o divino num plano lógico e estéril de ideias abstratas e vazias.

Colaboração do homem na ação divina de redenção e plenificação do Mundo

Nestes termos Deus é identificado como primeiro princípio que dá existência, valor e sentido a toda a realidade e como fonte do próprio labor reflexivo em amor e interminável esforço de ascensão à Sabedoria. Mas a eterna e absoluta plenitude do Espírito divino encerra uma ação relacional e pessoal que não é passível de apreensão apenas pelo labor lógico-analítico e conceptual da especulação humana, mas exige também uma reflexão analógica e um discurso trans-conceptual de ordem poética. Não se trata de uma posição fideísta de oposição entre razão e fé e de adesão aos mistérios de Deus apenas pela via da experiência vital do desejo de imortalidade, pela via do sentimento da experiência puramente contemplativa ou pela via extrínseca do testemunho da Revelação religiosa, mas trata-se de uma abertura à luz da graça que não dispensa a racionalidade judicativa, porque partilha com Leonardo Coimbra a ideia de que uma revelação que não se faça conteúdo do próprio processo dialético do pensamento na compreensão e justificação da verdade, torna-se uma imposição despótica, injustificada e falsa¹⁷.

Na linha teísta de Silvestre Pinheiro Ferreira e de Leonardo Coimbra, por distinção com o deísmo de Amorim Viana, o pantiteísmo de Cunha Seixas e o panteísmo de Domingos Tarroso, a teodiceia ou teologia filosófica de António Braz Teixeira pressupõe a crença no acontecimento cristão da Encarnação da Ressurreição que permite aceder a uma relação concreta com o divino, transfigurando o abstrato *Ideal* de Platão e o *Absolutus* do idealismo radical de Schelling na realidade viva de uma Pessoa que configura o abraço da eternidade e do tempo, na relação interior e espiritual de cooperação com as livres vontades dos homens e na relação cósmica com toda a Criação. A relação de Deus pessoal e criador com o mundo não se dá no plano materialista e empírico de uma identificação panteísta com a natureza, mas no plano ontológico e pessoal de uma atividade relacional de infinito Amor que é fonte e

¹⁷ Cf. *idem*, *Diálogos e Perfis*, p. 202.

harmonia de todos os seres, memória universal que garante a ordem do Todo e a plenitude do Espírito que é finalidade moral e metafísica (Cf. *ibidem*, p. 201).

Em diálogo com a tese Leonardina da imortalidade integral da pessoa e da espiritualização integral do Mundo¹⁸, considera António Braz Teixeira que a singularidade do pensamento português é a de ter revelado o dinamismo teleológico da relação entre Deus, o mal e a saudade e, ao mesmo tempo, de ter mostrado que a liberdade humana, assistida pela presença da graça divina, colabora nesse desígnio criador e redentor, detendo instrumentos para minorar o mal e contribuir para a restauração da original e fraterna harmonia entre todos os seres, representada pela narrativa mítica do livro do Génesis sobre o Paraíso¹⁹.

Pela relação analógica da transcendência imanente de Deus abscondito, em contraposição com panteísmo emanatista da metafísica da degradação e da restauração de Sampaio Bruno que considera o fim escatológico como reintegração abstrata do heterogéneo no homogéneo originário da Consciência absoluta de Deus e só Deus, a metafísica da criação e da plenificação de António Braz Teixeira defende que o mal é redimido da ausência de bem e toda a Criação é consumada e plenificada no fogo amoroso da Glória eterna que significa a relação harmoniosa de todos os seres. À pergunta de como consentiu Deus o afastamento das consciências do seu seio de amor, de como consentiu o mal e a morte e de como restaurará todas as criaturas na plenitude, sem perderem a sua singularidade e originalidade, António Braz Teixeira não responde com a justificação de ateísmo, como acontece com Basílio Teles, mas responde com a afirmação de um mistério que só poderá ter resposta no Mistério de Deus, pela certeza de que todo o Universo será consumado e plenificado no seu Excesso de puro e infinito Amor²⁰.

¹⁸ Cf. Leonardo Coimbra, *A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1935, p. 24

¹⁹ Cf. António Braz Teixeira, *Deus, o Mal e a Saudade*, p. 12.

²⁰ Cf. *idem*, *Diálogos e Perfis*, p. 206.